

Miguel Rovisco

Retrato de Uma Família Portuguesa



MIGUEL ROVISCO



**RETRATO
DE UMA FAMÍLIA
PORTUGUESA**

(Drama em três actos)



rolim

Título: RETRATO DE UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

Autor: Miguel Rovisco

Colecção Palco

Direcção de Colecção: Sara Góis

Capa: Plano Gráfico: José De Almeida
Ilustração: Fernanda Fragateiro
Logotipo da Colecção: Graça Martins

Tiragem: 2000 exs.

© edições rolim — Apartado 3079 — 1302 Lisboa Codex

Fevereiro de 1989

PRIMEIRO ACTO

PERSONAGENS

Afonso Vaz Botelho

Helena, sua mulher

Mariana, sua cunhada

Júlia, sua filha mais velha

Nicolau, seu filho

Tia Bernarda (Bibi)

Primo António

Onofre Gusmão

Maria Seráfica

Professor Seabra

Padre Martins

Criadinha (Isabel)

*e ainda outras criadas, carregadores, uma mademoiselle
e um rapaz.*

Lisboa, Novembro de 1807.

PRIMEIRO ACTO

Entrada da casa da família Vaz Botelho.

Umas escadas largas conduzem ao piso superior; uma grande porta dá para a rua, além de duas portas laterais, dando para o interior da casa; uma janela alta tem por baixo um vaso com plantas, tombado.

Perto das escadas, no meio das quais se vê caída uma peça de roupa, encontram-se várias arcas, umas abertas e outras fechadas, baús, fardos... A meio da entrada, quatro ou cinco cadeiras soltas.

Maria Seráfica e uma criadinha que soluça amargamente colocam peças de porcelana numa arca, protegendo-as com palha.

Pela porta da rua, dois carregadores fazem sair uma grande secretária, vigiados por Mariana.

Pela porta da esquerda, o Prof. Seabra entra coxeando, apoiado a uma criada e a um rapaz do povo.

Sensação de luxo e de desordem.

Durante todo o acto, vindas de fora ouvem-se correrias, vozes desencontradas, carruagens que passam...

Mariana *(Para os carregadores.) — Cuidado com as paredes... pela outra porta seria impossível.*

Seabra *(Coxeando.) — Ai!... poisem-me naquela cadeira.*

Mariana *As gavetas, atenção... (Os carregadores saem com a secretária.)*

Seráfica *(Com um prato de porcelana nas mãos. Para o professor.) — Que lhe sucedeu? Pobre senhor! Mas que lhe sucedeu?*

Seabra *(Sentando-se.) — Ufa!...*

Seráfica *Sente-se mal?*

Seabra (Apontando para o pé esquerdo.) — O meu pé.

Seráfica (Sem saber onde poisar o prato.) — Ai que aflição!

Mariana (Para o rapaz do povo.) — Rapaz, ajuda os homens a transportarem a secretária. Mexe-te, vá! (O rapaz sai rapidamente e ela fecha a porta da rua.) Que frio!

Seráfica (Para Mariana.) — O pobre professor...

Mariana (Para ele.) — Que se passa consigo?

Seabra Torci o pé esquerdo. Umas dores...

Seráfica Vou imediatamente chamar um médico. Ai, pobre senhor... (Indecisa, estende o prato à criada.) Segure-me nisto... não, é melhor não. Vou chamar um médico!

Mariana Dói-lhe?

Seabra Imenso. Preciso de um cirurgião para já.

Mariana Deixe-se de histórias, Seabra!

Seabra Não acredita em mim?

Mariana Como foi que torceu o pé?

Seabra A saltar de um banco.

Mariana *(Para a criada.)* — Continue com o que estava a fazer. Não fique aqui especada, mulher. *(Para Seabra.)* Que fazia o senhor em cima de um banco?

Seabra Tirava da parede um retrato que está na saleta verde.

Mariana Quem deu ordem...?

Seabra A senhora sua mana também quer levá-lo.

Mariana Que ideia a dela!

Grito de homem vindo de fora: "A gaveta!", seguido por um estrondo.

Seráfica *(Para Mariana.)* — Peço-lhe, minha boa amiga, que me deixe ir imediatamente à procura de um médico.

Mariana Com a capital neste reboço e a chuva que não pára de cair — tenha paciência, Maria Seráfica. Além disso, aqui o professor...

Seabra Dói-me terrivelmente, juro-lhe!

Pancadas violentas na porta da rua.

Mariana (*Para Seráfica.*) — Continue a tratar das porcelanas, sim? Já é uma grande ajuda que nos presta.

Seráfica (*Desolada.*) — Pobre senhor...

A criadinha abre a porta da rua: entra o primo António, com uma capa toda molhada.

António Chove a potes e a sineta...

Seabra (*Com a perna esquerda estendida.*) — Ninguém tinha ainda dado pela chuva, imagine-se!

António Prima Mariana. (*Dá-lhe um beijo.*)

Mariana Como está, António? (*Para a criadinha.*)
Leve a capa do senhor lá para dentro — e páre de chorar, então!

Criadinha A minha rica Lisboa... eu não quero partir, minha senhora. Eu fico.

Mariana Não teime e faça o que eu lhe digo.